



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS RURAIS (CCR)
DEPARTAMENTO DE BIOCÊNCIAS E SAÚDE ÚNICA
CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA

Italo Crespi

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO SUPERVISIONADO
NA ÁREA DE MEDICINA DE ANIMAIS SILVESTRES E EXÓTICOS**

Curitibanos

2025

ITALO CRESPI

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO SUPERVISIONADO
NA ÁREA DE MEDICINA DE ANIMAIS SILVESTRES E EXÓTICOS**

Trabalho de Conclusão de Curso da Graduação em Medicina Veterinária do Centro de Ciências Rurais da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Medicina Veterinária.

Orientador: Prof. Dra. Sandra Arenhart

Curitiba

2025

Ficha catalográfica gerada por meio de sistema automatizado gerenciado pela BU/UFSC.
Dados inseridos pelo próprio autor.

Crespi, Italo
RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO
SUPERVISIONADO NA ÁREA DE MEDICINA DE ANIMAIS SILVESTRES E
EXÓTICOS / Italo Crespi ; supervisora, Sandra Arenhart,
2025.
43 p.

Relatório de Estágio - Universidade Federal de Santa
Catarina, Campus Curitibanos, Graduação em Medicina
Veterinária, Curitibanos, 2025.

Inclui referências.

1. Medicina Veterinária. 2. Estágio curricular. 3.
Animais Silvestres e Exóticos. 4. UFPR. 5. UFU. I.
Arenhart, Sandra. II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Graduação em Medicina Veterinária. III. Título.

Italo Crespi

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO SUPERVISIONADO
NA ÁREA DE MEDICINA DE ANIMAIS SILVESTRES E EXÓTICOS**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Bacharel e aprovado em sua forma final pelo Curso de Medicina Veterinária.

Curitiba, 02 de dezembro de 2025.

Prof. Dr. Malcon Andrei Martinez Pereira
Coordenador do Curso

Banca examinadora:

Profa. Dra. Sandra Arenhart
Orientadora

Profa. Dra. Lilian Silva Catenacci
Universidade Federal do Piauí

Prof. MSc. Rafael Batatinha Rocha
Universidade Federal de Santa Catarina

Curitiba, 2025.

RESUMO

O estágio curricular obrigatório em Medicina Veterinária, realizado no Laboratório de Ensino e Pesquisa de Animais Silvestres do Hospital Veterinário Universitário da Universidade Federal de Uberlândia (LAPAS – HOVET/UFU) e no Laboratório de Medicina Zoológica do Hospital Veterinário da Universidade Federal do Paraná (HV/UFPR), possibilitou o desenvolvimento de habilidades práticas essenciais relacionadas ao manejo, clínica e cirurgia de animais silvestres e exóticos. A vivência nos dois centros permitiu acompanhar rotinas distintas de atendimento, refletidas nas diferenças de casuística: enquanto o LAPAS recebe animais resgatados, com predominância em casos traumáticos, no HV/UFPR, os distúrbios crônicos, metabólicos ou decorrentes de erros de manejo prevaleceram. Este relatório descreve as atividades realizadas, a infraestrutura e a análise da casuística dos dois locais, ressaltando a importância do Médico Veterinário especializado no atendimento de espécies não convencionais.

Palavras-chave: estágio curricular; animais silvestres e exóticos; *pets* não convencionais; conservação.

ABSTRACT

The mandatory curricular internship in Veterinary Medicine, carried out at the Wildlife Teaching and Research Laboratory of the University Veterinary Hospital of the Federal University of Uberlândia (LAPAS – HOVET/UFU) and at the Zoological Medicine Laboratory of the Veterinary Hospital of the Federal University of Paraná (HV/UFPR), enabled the development of essential practical skills related to the handling, clinical care, and surgery of wild and exotic animals. The experience in both centers allowed for the observation of distinct care routines, reflected in the differences in case studies: while LAPAS receives rescued animals, predominantly traumatic cases, at HV/UFPR, chronic, metabolic disorders or those resulting from handling errors prevailed. This report describes the activities carried out, the infrastructure, and the case study analysis of the two locations, highlighting the importance of a specialized Veterinarian in the care of non-conventional species.

Keywords: curricular internship; wild and exotic animals; non-conventional pets; conservation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Fachada LAPAS.	12
Figura 2. Recepção LAPAS.	13
Figura 3. Consultório LAPAS.	13
Figura 4. Antessala cirúrgica LAPAS.	14
Figura 5. Centro Cirúrgico LAPAS.	14
Figura 6. Sala de Histologia LAPAS.	14
Figura 7. Sala das residentes LAPAS.	15
Figura 8. Berçário LAPAS.	15
Figura 9. Corredor principal LAPAS.	16
Figura 10. Sala de necropsia / IML LAPAS.	16
Figura 11. Recinto passeriformes LAPAS.	17
Figura 12. Recintos LAPAS.	17
Figura 13. Almoxarifado LAPAS.	18
Figura 14. Escala estagiários LAPAS.	18
Figura 15. Recepção HV/UFPR.	21
Figura 16. Consultório de Medicina Zoológica HV/UFPR.	21
Figura 17. Internação I de Medicina Zoológica HV/UFPR.	22
Figura 18. Armários da Internação I de Medicina Zoológica HV/UFPR.	22
Figura 19. Internação II de Medicina Zoológica HV/UFPR.	23
Figura 20. Internação III de Medicina Zoológica HV/UFPR.	23
Figura 21. Redondel de Medicina Zoológica HV/UFPR.	23
Figura 22. Corredor principal de medicina zoológica HV/UFPR.	24
Figura 23. Farmácia HV/UFPR.	24
Figura 24. Centro Cirúrgico HV/UFPR.	24
Figura 25. Ranking nacional do FORDHOV das consultas simples e complexas de animais silvestres/selvagens atendidos nos HVU's dos IFES com o número total de consultas simples, complexas e retornos clínicos no período de dezembro de 2023 a novembro de 2024.	30
Figura 26. Técnica de Figueiredo em ouriço-cacheiro (Coendou prehensilis).	37
Figura 27. Ranking nacional do FORDHOV das cirurgias simples e complexas de animais silvestres/selvagens atendidos nos HVU's dos IFES com o número total de cirurgias simples e complexas no período de dezembro de 2023 a novembro de 2024.	38

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Número de animais atendidos no LAPAS conforme a classe (01/08/25 a 30/09/25).	26
Tabela 2. Número de animais atendidos no HV/UFPR conforme a classe (06/10/25 a 14/11/25).	26
Tabela 3. Motivos de entrada no LAPAS (01/08/25 a 30/09/25).....	27
Tabela 4. Motivos de entrada no HV/UFPR (06/10/25 a 14/11/25).	28
Tabela 5. Origens de entrada dos animais no LAPAS (01/08/25 a 30/09/25).	30
Tabela 6. Origens de entrada dos animais no HV/UFPR (06/10/25 a 14/11/25).....	31
Tabela 7. Diagnósticos dos casos atendidos no LAPAS de acordo com a espécie e classe (01/08/25 a 30/09/25).	32
Tabela 8. Diagnósticos dos casos atendidos no HV/UFPR de acordo com a espécie e classe (06/10/25 a 14/11/25).	34
Tabela 9. Sexo dos animais atendidos no LAPAS (01/08/25 a 30/09/25).	35
Tabela 10. Sexo dos animais atendidos no HV/UFPR (06/10/25 a 14/11/25).....	36
Tabela 11. Procedimentos cirúrgicos realizados no LAPAS (01/08/25 a 30/09/25).....	37
Tabela 12. Procedimentos cirúrgicos realizados no HV/UFPR (06/10/25 a 14/11/25).	37
Tabela 13. Destinação dos casos atendidos no LAPAS (01/08/25 a 30/09/25).	39
Tabela 14. Destinação dos casos atendidos no HV/UFPR (06/10/25 a 14/11/25).....	40

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAFS	Centro de Apoio a Fauna Silvestre
CETAS	Centro de Triagem de Animais Silvestres
CETRAS	Centro de Triagem e Reabilitação de Animais Silvestres
DF	Distrito Federal
FORDHOV	Fórum Nacional de Dirigentes de Hospitais Veterinários
HOVET/HV	Hospital Veterinário
IAT	Instituto Água e Terra
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
IFES	Instituições Federais de Ensino Superior
IML	Instituto Médico Legal
LACRIAS	Laboratório de Criação e Incubação de Animais Silvestres e Exóticos
LAPAS	Laboratório de Ensino e Pesquisa de Animais Silvestres
LEC	Laboratório de Ecologia e Conservação
PMC	Prefeitura Municipal de Curitiba
PMMA	Polícia Militar do Meio Ambiente
PMP-BS	Projeto de Monitoramento de Praias da Bacia de Santos
R1/R2	Residente
UnB	Universidade de Brasília
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFU	Universidade Federal de Uberlândia

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	LABORATÓRIO DE ENSINO E PESQUISA DE ANIMAIS SILVESTRES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA (LAPAS – UFU)	12
2.1	INSTALAÇÕES E INFRAESTRUTURA.....	12
2.2	ATIVIDADES DESENVOLVIDAS.....	18
3	LABORATÓRIO DE MEDICINA ZOOLOGICA DO HOSPITAL VETERINÁRIO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (HV/UFPR)	20
3.1	INSTALAÇÕES E INFRAESTRUTURA.....	20
3.2	ATIVIDADES DESENVOLVIDAS	25
4	CASUÍSTICA	25
4.1	CLASSES ATENDIDAS	25
4.2	MOTIVOS DE ENTRADA NO SETOR.....	27
4.3	ORIGEM DA ENTRADA DOS ANIMAIS.....	30
4.4	CLASSIFICAÇÃO DO DIAGNÓSTICO DE ACORDO COM A ESPÉCIE E CLASSE	31
4.5	SEXO DOS ANIMAIS	35
4.6	PROCEDIMENTOS CIRÚRGICOS.....	36
4.7	DESTINAÇÃO DOS ANIMAIS	39
5	CONCLUSÃO	41
	REFERÊNCIAS	42

1 INTRODUÇÃO

O estágio curricular representa uma etapa fundamental para a conclusão do curso de Medicina Veterinária, pois proporciona a aproximação do aluno com áreas de interesse e a consolidação dos conhecimentos adquiridos durante a graduação. Essa experiência permite ao estudante vivenciar integralmente a rotina diária na medicina veterinária, além de acompanhar profissionais já inseridos no mercado de trabalho, utilizando-os como referência de conduta ética e profissional.

Entre as diversas áreas da Medicina Veterinária, a atuação com Animais Silvestres e Exóticos possui um impacto crucial para a biodiversidade do país, visto que o Brasil detém a fauna mais diversa do planeta, com mais de 116 mil espécies animais (CRMV-MA, 2025). Além disso, a procura e criação de *pets* não convencionais vêm aumentando, tornando imprescindível a atuação do médico veterinário nos cuidados desses animais (Cães&Gatos, 2025; Grespan; Raso, 2014).

Inserida no conceito de Saúde Única (*One Health*), a Medicina Veterinária conecta os pilares da saúde humana, animal e ambiental, reforçando a afirmação de Louis Pasteur: “A Medicina cura o homem, a Medicina Veterinária cura a humanidade” (CRMV-SP, 2022). Neste contexto, os Hospitais Veterinários Universitários desempenham papel fundamental ao promover atendimento especializado, atividades de ensino e ações voltadas à conservação e bem-estar da fauna silvestre (Pinto, 2014).

Diante disso, este relatório tem como objetivo descrever as atividades desenvolvidas durante o estágio curricular realizado no Laboratório de Ensino e Pesquisa de Animais Silvestres da Universidade Federal de Uberlândia (LAPAS-UFU), no período de 01 de agosto a 30 de setembro de 2025, e no Laboratório de Medicina Zoológica do Hospital Veterinário da Universidade Federal do Paraná (HV-UFPR), de 06 de outubro a 14 de novembro de 2025, além de relatar a casuística e infraestrutura das duas concedentes. As atividades foram supervisionadas pelo Prof. Dr. Marcio de Barros Bandarra (UFU) e pelo Prof. Dr. Rogério Ribas Lange (UFPR), sob a orientação da Prof. Dra. Sandra Arenhart.

2 LABORATÓRIO DE ENSINO E PESQUISA DE ANIMAIS SILVESTRES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA (LAPAS – UFU)

2.1 INSTALAÇÕES E INFRAESTRUTURA

O LAPAS está localizado no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia (HOVET-UFU), com acesso pela Rua Piauí, 1302 (Figura 1). No setor são realizados atendimentos clínicos, cirúrgicos e manejo nutricional dos animais internados. Os atendimentos ocorrem de segunda a sexta-feira das 08h às 18h horas, mediante agendamento e disponibilidade das residentes (UFU, 2025).

Figura 1. Fachada LAPAS.



Fonte: Cedido pela UFU (2025)

Os animais atendidos são oriundos de entrega voluntária, apreensão e resgate encaminhados pela Polícia Militar de Meio Ambiente de Minas Gerais, Corpo de Bombeiros de Minas Gerais, IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis), Instituto Estadual de Florestas e por cidadãos. O setor também atende *pets* não convencionais (Igor, 2025).

A equipe é composta por quatro residentes (duas R1 e duas R2), dois técnicos administrativos e outros colaboradores como recepcionista e a equipe de limpeza.

A recepção/sala de espera (Figura 2) é o primeiro contato do setor, onde os tutores aguardam o atendimento e os animais são recebidos. Sendo preenchido um formulário de entrega.

Figura 2. Recepção LAPAS.



Fonte: Cedido pela UFU (2025)

A área interna é composta por um ambulatório/emergência, onde o animal recebido é triado e os *pets* não convencionais passam pelo exame físico. A sala também funciona como uma emergência, contendo um cilindro de oxigênio, um armário com medicações, insumos (seringas, agulhas, gaze, algodão) e utensílios (glicosímetro, doppler, ambu, algodão ortopédico, vetrap), aparelho de anestesia inalatória, incubadora e ultrassom portátil. O consultório (Figura 3) era utilizado somente para a realização da anamnese dos animais.

Figura 3. Consultório LAPAS.



Fonte: Cedido pela UFU (2025)

A antessala cirúrgica (Figura 4) possui uma balança maior, utilizada para animais de grande porte. A sala também era utilizada para a internação de alguns animais em baias móveis, principalmente os que necessitavam de mais atenção ou espaço restrito. Entre o centro cirúrgico e a antessala, há um espaço onde alguns animais também ficam internados. O centro cirúrgico (Figura 5) possui equipamento de anestesia inalatória, monitor anestésico, cilindro de oxigênio, armário com medicações e insumos, uma mesa móvel para instrumentação e uma pia para lavagem e paramentação.

Figura 4. Antessala cirúrgica LAPAS.



Fonte: Cedido pela UFU (2025)

Figura 5. Centro Cirúrgico LAPAS.



Fonte: Cedido pela UFU (2025)

Ainda na parte interna do setor, há um almoxarifado com estoque de insumos e fluidos, uma sala administrativa, uma sala para realização de exames laboratoriais e para consulta de fichas no sistema utilizado no local (*SimpleVet*), uma sala de descanso, uma sala de histologia (Figura 6), sala dos residentes (Figura 7) e o berçário (Figura 8). Todas essas salas se comunicam por meio de um corredor central (Figura 9).

Figura 6. Sala de Histologia LAPAS.



Fonte: Cedido pela UFU (2025)

Figura 7. Sala das residentes LAPAS.



Fonte: Cedido pela UFU (2025)

Figura 8. Berçário LAPAS.



Fonte: Cedido pela UFU (2025)

Figura 9. Corredor principal LAPAS.



Fonte: Cedido pela UFU (2025)

A área externa do setor conta com uma sala de necropsia/IML (Instituto Médico Legal) integrada à câmara fria (Figura 10), um recinto de passeriformes com algumas espécies (Figura 11), três recintos para répteis e animais aquáticos, vinte e oito recintos (Figura 12), uma quarentena, uma cozinha, uma bancada para corte de alimentos, uma máquina de lavar, um tanque com hipoclorito de sódio diluído em água para desinfecção de potes de comida, um dispensário para armazenamento de alguns alimentos (junto ao biotério), um almoxarifado (Figura 13) e um portão para acesso de veículos.

Figura 10. Sala de necropsia / IML LAPAS.



Fonte: Cedido pela UFU (2025)

Figura 11. Recinto passeriformes LAPAS.



Fonte: Cedido pela UFU (2025)

Figura 12. Recintos LAPAS.



Fonte: Cedido pela UFU (2025)

Figura 13. Almoxarifado LAPAS.



Fonte: Cedido pela UFU (2025)

2.2 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

O LAPAS mantinha uma rotina/escala para os estagiários (Figura 14) devido à diversidade e quantidade de atividades a serem executadas e ao elevado número de animais. As funções consistiam em manejo dos animais, berçário, clínica e atendimento. No segundo mês, foi possível atuar como volante.

Figura 14. Escala estagiários LAPAS.

	MANEJO	BERÇÁRIO	CLÍNICA	ATENDIMENTO
04/08	Nattany	Italo	Leticia	Nicolli
	Gabriel	Cristiane	Júlia	Alice
05/08	Nicolli	Nattany	Italo	Leticia
	Alice	Gabriel	Cristiane	Júlia
06/08	Leticia	Nicolli	Nattany	Alice
	Júlia	Alice	Gabriel	Cristiane
07/08	Italo	Leticia	Nicolli	Nattany
	Cristiane	Júlia	Alice	Gabriel
08/08	Nattany	Italo	Leticia	Nicolli
	Gabriel	Cristiane	Júlia	Alice
11/08	Italo	Nattany	Alice	Leticia
	Nicolli	Júlia	Gabriel	Cristiane
12/08	Leticia	Italo	Nattany	Alice
	Cristiane	Nicolli	Júlia	Gabriel
13/08	Alice	Leticia	Italo	Nattany
	Gabriel	Cristiane	Nicolli	Júlia
14/08	Nattany	Júlia	Leticia	Italo
	Gabriel	Alice	Cristiane	Nicolli
15/08	Italo	Nattany	Alice	Leticia
	Nicolli	Júlia	Gabriel	Cristiane
18/08	Leticia	Alice	Italo	Júlia
	Cristiane	Nicolli	Nattany	Gabriel
19/08	Júlia	Leticia	Alice	Italo
	Gabriel	Cristiane	Nicolli	Nattany
20/08	Italo	Nattany	Júlia	Leticia
	Alice	Gabriel	Cristiane	Nicolli
21/08	Alice	Italo	Júlia	Leticia
	Nicolli	Nattany	Gabriel	Cristiane
22/08	Leticia	Alice	Italo	Júlia
	Cristiane	Nicolli	Nattany	Gabriel
25/08	Italo	Gabriel	Nattany	Júlia
	Aline	Leticia	Cristiane	Nicolli
26/08	Júlia	Italo	Gabriel	Nattany
	Nicolli	Aline	Leticia	Cristiane
27/08	Nattany	Júlia	Italo	Gabriel
	Cristiane	Nicolli	Aline	Leticia
28/08	Gabriel	Nattany	Júlia	Italo
	Leticia	Cristiane	Nicolli	Aline
29/08	Italo	Aline	Gabriel	Nattany
			Leticia	Cristiane
			Nicolli	

DATA	ATENDIMENTO 1	ATENDIMENTO 2	CLÍNICA 1	CLÍNICA 2	BERÇÁRIO 1	BERÇÁRIO 2	MANEJO 1	MANEJO 2	VOLANTE 1
01set.	BIANCA.A	NAT	CAROL	ALICE	BIANCA.G	ITALO	ESTHER	JULIA	ALINE
02set.	JULIA	ALINE	BIANCA.A	NAT	CAROL	ALICE	BIANCA.G	ITALO	ESTHER
03set.	ITALO	ESTHER	JULIA	ALINE	BIANCA.A	NAT	CAROL	ALICE	BIANCA.G
04set.	ALICE	BIANCA.G	ITALO	ESTHER	JULIA	ALINE	BIANCA.A	NAT	CAROL
05set.	NAT	CAROL	ALICE	BIANCA.G	ITALO	ESTHER	JULIA	ALINE	BIANCA.A
06set.									
07set.									
08set.	ALINE	BIANCA.A	NAT	CAROL	ALICE	BIANCA.G	ITALO	ESTHER	JULIA
09set.	ESTHER	JULIA	ALINE	BIANCA.A	NAT	CAROL	ALICE	BIANCA.G	ITALO
10set.	BIANCA.G	ITALO	ESTHER	JULIA	ALINE	BIANCA.A	NAT	CAROL	ALICE
11set.	CAROL	ALICE	BIANCA.G	ITALO	ESTHER	JULIA	ALINE	BIANCA.A	NAT
12set.	BIANCA.A	NAT	CAROL	ALICE	BIANCA.G	ITALO	ESTHER	JULIA	ALINE
13set.									
14set.									
15set.	JULIA	ALINE	BIANCA.A	NAT	CAROL	ALICE	BIANCA.G	ITALO	ESTHER
16set.	ITALO	ESTHER	JULIA	ALINE	BIANCA.A	NAT	CAROL	ALICE	BIANCA.G
17set.	ALICE	BIANCA.G	ITALO	ESTHER	JULIA	ALINE	BIANCA.A	NAT	CAROL
18set.	NAT	CAROL	ALICE	BIANCA.G	ITALO	ESTHER	JULIA	ALINE	BIANCA.A
19set.	ALINE	BIANCA.A	NAT	CAROL	ALICE	BIANCA.G	ITALO	ESTHER	JULIA
20set.									
21set.									
22set.	ESTHER	JULIA	ALINE	BIANCA.A	NAT	CAROL	ALICE	BIANCA.G	ITALO
23set.	BIANCA.G	ITALO	ESTHER	JULIA	ALINE	BIANCA.A	NAT	CAROL	ALICE
24set.	CAROL	ALICE	BIANCA.G	ITALO	ESTHER	JULIA	ALINE	BIANCA.A	NAT
25set.	BIANCA.A	NAT	CAROL	ALICE	BIANCA.G	ITALO	ESTHER	JULIA	ALINE
26set.	JULIA	ALINE	BIANCA.A	NAT	CAROL	ALICE	BIANCA.G	ITALO	ESTHER
27set.									
28set.									
29set.	ITALO	ESTHER	JULIA	ALINE	BIANCA.A	NAT	CAROL	ALICE	BIANCA.G
30set.	ALICE	BIANCA.G	ITALO	ESTHER	JULIA	ALINE	BIANCA.A	NAT	CAROL

*Berçário quando terminar ajudar o manejo
 *Atendimento ajudar a clínica

Fonte: Arquivo pessoal (2025)

Cada função era desempenhada em duplas, exceto a de estagiário volante, que auxiliava todas as outras funções. As duplas eram alternadas semanalmente, o que permitia a integração e o trabalho conjunto de todos os estagiários.

O manejo era responsável pela confecção dos alimentos, limpeza dos recintos, baias e gaiolas e enriquecimento ambiental. Pela manhã, os potes de água e comida eram recolhidos para a posterior confecção das dietas estipuladas por um zootecnista ou por um manual elaborado por uma antiga residente, e em seguida eram fornecidos para cada animal. Os potes recolhidos eram lavados e colocados de molho em uma bacia preenchida majoritariamente com água e pequena quantidade de água sanitária. A troca dessa solução era realizada toda terça, quinta e sábado. A limpeza dos recintos consiste, normalmente, na retirada das fezes dos animais cujos recintos não eram limpos com a mangueira de pressão por um funcionário terceirizado, além da troca/reposição de feno para o conforto dos animais. As gaiolas e baias eram limpas por meio da troca de panos e/ou papel pardo, exceto quando excessivamente sujas, utilizando a mangueira de pressão.

A alimentação era fornecida duas vezes ao dia para a maioria dos animais; no entanto, alguns se alimentavam apenas uma vez por dia, outros recebiam um acréscimo de alimento nos potes durante a tarde, e outros necessitavam da reposição completa do pote de comida. A alimentação consistia basicamente em frutas cortadas, rações para algumas espécies e pintinhos abatidos na hora ou ratos congelados para os animais carnívoros.

O berçário era dedicado ao cuidado dos filhotes, sendo, compreendendo, basicamente, limpeza e alimentação. Os animais eram pesados no começo de todos os dias, antes da alimentação, visando acompanhar seu desenvolvimento. Juntamente com a pesagem, era realizada a troca dos panos ou do papel pardo e retirada dos potes de comida e água. Os potes eram lavados e armazenados na mesma bacia do manejo. As dietas eram estipuladas pelas residentes. Além disso, era realizada a sondagem em animais que não estavam se alimentando ou que ainda não conseguiam fazê-lo devido ao tamanho, e a mamadeira era fornecida a alguns filhotes.

A clínica era responsável pela administração de medicações nos animais, realização de limpezas de feridas, trocas de curativos/bandagens/talas e fisioterapia. Dentro do *SimplesVet* era fornecido pelo mapa de execução o que deveria ser feito com cada animal internado.

Os responsáveis pelo atendimento acompanhavam as residentes em consultas, exames complementares, cirurgias, realizavam a triagem dos animais recebidos e levavam as amostras aos laboratórios. A ultrassonografia e a radiografia eram agendadas, e o estagiário acompanhava a realização desses exames.

Ao término de cada função e, caso não houvesse mais nenhuma tarefa, os estagiários se auxiliavam mutuamente. As duplas do berçário e manejo se ajudavam, assim como as de clínica

e atendimento. No entanto, o manejo e berçário demandavam de mais auxílio, então eram auxiliados por estagiários de outras funções.

Por fim, no segundo mês, havia um estagiário volante que auxiliava em todas as funções. Esta função foi atribuída devido ao número ímpar de estagiários, o que impedia a formação completa das duplas.

3 LABORATÓRIO DE MEDICINA ZOOLOGICA DO HOSPITAL VETERINÁRIO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (HV/UFPR)

3.1 INSTALAÇÕES E INFRAESTRUTURA

O Laboratório de Medicina Zoológica está localizado nas dependências do Hospital Veterinário da Universidade Federal do Paraná (HV/UFPR), situado dentro do Setor de Ciências Agrárias. O setor existe desde 1973 e possui cursos de graduação como, agronomia, engenharia florestal, engenharia industrial madeireira, medicina veterinária e zootecnia. O hospital veterinário está localizado na Rua dos Funcionários, 1540 no bairro Cabral em Curitiba com o horário de funcionamento de segunda a sexta-feira das 08h às 18h horas (UFPR, 2025)

O hospital conta com os seguintes laboratórios: Laboratório de Cardiologia Comparada, Laboratório de Clínica Médica de Cães e Gatos, Laboratório de Clínica Cirúrgica de Pequenos Animais, Laboratório de Controle de Qualidade e Segurança de Alimentos, Laboratório de Diagnóstico das Doenças de Suínos, Laboratório de Diagnóstico por Imagem, Laboratório de Doenças Transmitidas por Vetores, Laboratório de Zoonoses e Epidemiologia Molecular, Laboratório de Medicina Zoológica, Laboratório de Odontologia Veterinária, Laboratório de Oftalmologia Comparada, Laboratório de Patologia Clínica Veterinária, Laboratório de Reprodução Animal, Laboratório de Patologia Animal, Laboratório de Anestesia e Analgesia Veterinária, Laboratório de Diagnóstico Imuno-Microbiológico, Laboratório de Clínica Médica de Grandes Animais, Laboratório de Clínica Cirúrgica de Grandes Animais, Laboratório de Oncologia Veterinária e Cirurgia de Tecidos Moles (UFPR, 2025).

O Laboratório de Medicina Zoológica é composto por quatro residentes (duas R1 e duas R2), pelo professor responsável e por pós-graduandos (mestrandos e doutorandos), que atuam como preceptores das residentes. Durante o período de estágio, havia apenas três residentes; uma delas encontrava-se no Laboratório de Ecologia e Conservação (LEC-UFPR/PMP-BS) em Pontal do Paraná, devido ao período de atuação com tetrápodes marinhos previsto no programa

de residência (UFPR, 2025). Além disso, o hospital conta com auxiliares veterinários terceirizados que contribuem com algumas atividades.

Os animais atendidos no local são oriundos do Centro de Apoio a Fauna Silvestre de Curitiba (CAFS/IAT/PMC), Zoológico de Curitiba (PMC), Laboratório de Criação e Incubação de Animais Silvestres e Exóticos (LACRIAS/UFPR, Pinhais/PR) e animais de tutores (UFPR, 2025).

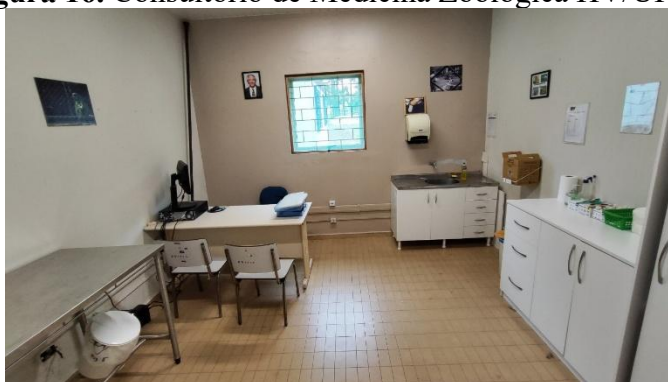
O responsável pelo animal informava a chegada na recepção (Figura 14) mediante a consulta pré-agendada para prosseguir ao atendimento. Os tutores aguardavam junto aos tutores de pequenos animais. Em seguida eram encaminhados ao consultório (Figura 15) situado na parte interna do hospital, distante da recepção, sendo necessário, praticamente, cruzar as instalações do hospital.

Figura 15. Recepção HV/UFPR.



Fonte: Autor (2025)

Figura 16. Consultório de Medicina Zoológica HV/UFPR.



Fonte: Autor (2025)

A anamnese ocorria no consultório, porém o exame físico era realizado na internação I (Figura 16). A sala detém de um armário para medicação e alguns insumos, um armário para insumos, um armário para cobertores (Figura 17), uma saída de oxigênio, uma mesa e uma pia.

Pode ser considerada, também, uma sala de emergência, onde alguns animais mais críticos eram mantidos e observados.

Figura 17. Internação I de Medicina Zoológica HV/UFPR.



Fonte: Autor (2025)

Figura 18. Armários da Internação I de Medicina Zoológica HV/UFPR.



Fonte: Autor (2025)

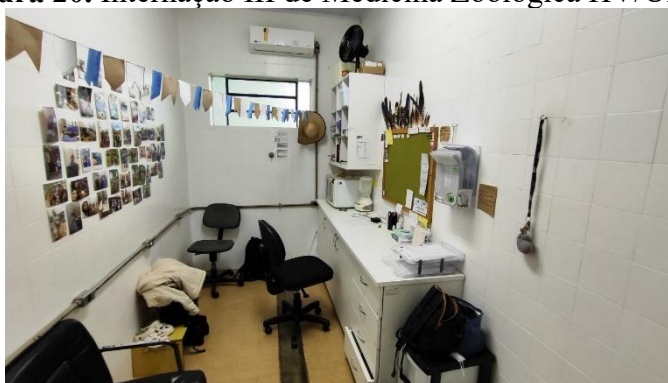
Além da internação I, o setor possui mais duas salas: a internação II e a internação III. A internação II (Figura 18) possui um armário para armazenar alimentos dos animais internados e outro com insumos e potes. Nesta sala, normalmente, ficam os animais internados que não necessitam de monitoração intensiva. A internação III (Figura 19) é uma sala administrativa, utilizada pelas residentes e pelos estagiários para descanso, estudo ou resolução de questões relativas aos animais no sistema. O sistema de registros utilizado era o *Vetus*, mas recentemente foi alterado para o *SimplesVet*.

Figura 19. Internação II de Medicina Zoológica HV/UFPR.



Fonte: Autor (2025)

Figura 20. Internação III de Medicina Zoológica HV/UFPR.



Fonte: Autor (2025)

Visando abrigar alguns animais que necessitam de espaço, o laboratório possui um redondel (Figura 20). Algumas das baias do redondel eram ocupadas por gaiolas, feno, caixas de transporte e ferramentas de contenção. As salas de internação e o redondel se comunicam por um corredor principal (Figura 21).

Figura 21. Redondel de Medicina Zoológica HV/UFPR.



Fonte: Autor (2025)

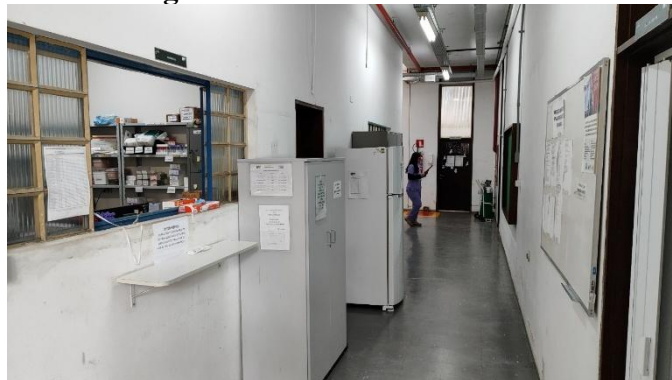
Figura 22. Corredor principal de medicina zoológica HV/UFPR.



Fonte: Autor (2025)

A farmácia (Figura 22) fica localizada internamente do hospital e fora do laboratório, as medicações são solicitadas a partir do número de identificação dos animais. Externamente há duas geladeiras com algumas medicações separadas por laboratório.

Figura 23. Farmácia HV/UFPR.



Fonte: Autor (2025)

O centro cirúrgico é amplo e compartilhado para o hospital todo, ocorrendo cirurgias de pequenos animais também. Possui três salas cirúrgicas (Figura 23), uma sala de esterilização, um espaço comum para paramentação e uma sala para a limpeza das ferramentas cirúrgicas.

Figura 24. Centro Cirúrgico HV/UFPR



Fonte: Autor (2025)

3.2 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

As atividades desenvolvidas consistiam principalmente em medicar e/ou conter os animais internados; acompanhar as residentes em consultas, cirurgias e exames de imagem; realizar exames físicos e coletas; além de preparar gaiolas para novas admissões, alimentar e limpar as instalações dos animais internados.

Os animais normalmente eram medicados pela manhã e ao final da tarde. Para isso, era necessária uma dupla (uma pessoa para conter e outra para medicar), que podia ser composta por residente, estagiário ou auxiliar.

Por haver auxiliares no local, a alimentação e limpeza das gaiolas eram de responsabilidade deles; no entanto, em algumas situações, os estagiários as realizavam. A limpeza consistia na troca de papel pardo e/ou pano das gaiolas. A alimentação consistia, principalmente, em rações específicas para cada animal, mas, algumas vezes, frutas eram cortadas, sachês de gato ou pedaços de carne eram ofertados para animais carnívoros.

As consultas e cirurgias eram acompanhadas mediante a observação da conduta clínica diante do tutor e do procedimento cirúrgico. Após a anamnese, o animal era destinado à internação I, onde o exame físico e/ou coleta de amostra sanguínea eram realizados pela residente ou pelo estagiário. Foi possível acompanhar exames e procedimentos odontológicos e oftálmicos, além de exames de imagem e fisioterapia.

Nas horas vagas eram feitas discussões sobre os casos do local. Além disso, no último dia, era necessário realizar uma apresentação com o professor, os pós-graduandos, as residentes e alguns alunos sobre um caso clínico ou um tema relevante à medicina zoológica.

4 CASUÍSTICA

Serão relatados nessa casuística apenas os animais acompanhados pelo discente e não todos que deram entrada nos setores.

4.1 CLASSES ATENDIDAS

Dos 82 animais acompanhados durante o período de estágio no LAPAS, a classe que mais predominou foi a das aves. Isso se concretiza, pois as espécies de vida livre mais abundantes no país (exceto pelos peixes e invertebrados) pertencem a essa classe (Meireles, 2021). Dessa

forma, a Caatinga, bioma de inserção da concedente, também reflete essa tendência, sendo composta, em sua maioria, por aves, seguida dos peixes, répteis, mamíferos e anfíbios dentre os vertebrados (Garda *et al.* 2018). A Tabela 1 demonstra a quantidade de animais atendidos no local e a porcentagem da predominância de cada classe.

Tabela 1. Número de animais atendidos no LAPAS conforme a classe (01/08/25 a 30/09/25).

Classe	Nº Animais	%
Aves	50	60,98
Répteis	20	24,39
Mamíferos	11	13,41
Peixe	1	1,22
Total	82	100

Fonte: Autor (2025)

Em contraste, o Laboratório de Medicina Zoológica (HV/UFPR) apresentou um número significativamente menor de atendimentos (Tabela 2), com 27 animais atendidos. O que é esperado, visto que o ambiente não recebe diretamente animais de vida livre, sendo o encaminhamento realizado pelo CAFS. Além disso, a classe mais predominante no local foi a dos mamíferos, provavelmente porque a alteração comportamental do animal doente é mais perceptível para os responsáveis.

Tabela 2. Número de animais atendidos no HV/UFPR conforme a classe (06/10/25 a 14/11/25).

Classe	Nº Animais	%
Mamíferos	15	55,56
Aves	10	37,04
Répteis	2	7,41
Total	27	100

Fonte: Autor (2025)

A inversão na predominância das classes atendidas é notável. No LAPAS, as aves representaram 60,98% da casuística, estando de acordo com a riqueza aviária do bioma local. Já no Laboratório de Medicina Zoológica, destacam-se os mamíferos (55,56%), o que sugere uma maior procura por atendimentos especializados para essa classe de animais domésticos/exóticos. Além disso, a diferença na quantidade de animais atendidos reflete na

logística de recebimento dos locais. Enquanto o LAPAS recebe constantemente animais de vida livre, o HV/UFPR trabalha com encaminhamentos ou consultas agendadas. Essa divergência também pode refletir a falta de conhecimento da população de Curitiba sobre o atendimento especializado no hospital, visto que, em algumas ocasiões, foi relatado pelos tutores o desconhecimento de locais para o encaminhamento de seus animais.

4.2 MOTIVOS DE ENTRADA NO SETOR

O LAPAS por receber, em sua maioria, espécies de vida livre, apresenta como o principal motivo de entrada o resgate ou o encontro dos animais em ambiente urbano. Esse cenário se concretiza pelo fato do desconhecimento do histórico clínico do animal, sendo entregues apenas com a informação de que foram encontrados em determinado local, muitas vezes, não necessitando de cuidados veterinários. A Tabela 3 apresenta, também, as demais causas de entrada no setor. Vale ressaltar que as informações sobre as causas de entrada, quando fornecidas por quem encontrava os animais, eram valiosas durante a triagem, auxiliando na determinação do tratamento adequado. As consultas agendadas (animais sob tutela) representaram a segunda maior causa de entrada no setor, motivada pelo aparecimento de algum sinal clínico notado pelo tutor. Os animais entregues mediante processo judicial foram resultado da entrega voluntária por parte do responsável legal, mesmo após ter conseguido a custódia. Adicionalmente, outros motivos de entrada revelam uma casuística decorrente dos impactos antrópicos, manifestada por traumas agudos, como por exemplo, atropelamentos, colisão, queda, eletrocussão e ataque de animal doméstico. Além disso, a causa de desistência da tutela do animal reflete condições de posse ilegal e manejo inadequado, na qual uma cidadã realizou a entrega voluntária ao setor por dificuldades em mantê-los. O animal cuja causa de entrada foi a cirurgia já havia passado por consulta no setor anteriormente ao período de estágio.

Tabela 3. Motivos de entrada no LAPAS (01/08/25 a 30/09/25).

Motivos de entrada no setor	Nº Animais	%
Encontrado	61	74,39
Consulta	6	7,32
Processo judicial	3	3,66
Ataque de animal doméstico	2	2,44
Queda do ninho	2	2,44
Atropelamento	2	2,44

Desistência	2	2,44
Cirurgia	1	1,22
Colisão	1	1,22
Queda	1	1,22
Eletrocussão	1	1,22
Total	82	100

Fonte: Autor (2025)

A Tabela 4 organiza os motivos de entrada no Laboratório de Medicina Zoológica (HV/UFPR). É importante ressaltar que alguns animais apresentavam mais de uma causa de entrada, razão pela qual o número total de queixas não coincide com o número de animais atendidos descritos na Tabela 2. Visto que os pacientes do local possuíam responsáveis, todos os motivos de entrada são derivados de consultas. Assim, com o histórico dos animais, as principais causas de entrada foram para check-up e situações em que o animal encontrava-se apático, sendo detectadas alterações de comportamento pelo responsável. Os animais com quadro de anorexia, representam a terceira causa mais frequente de entrada no setor, justificada no caso dos animais com alguma alteração de cavidade oral. Os casos cuja entrada foi o trauma, estão relacionados a algum acidente doméstico. Os animais que chegaram ao setor com queixa de hipercrecimento dentário, revelam dificuldades no manejo das espécies que possuem crescimento contínuo do dente. As demais queixas de entrada, exceto a dermatite fúngica, representam causas menos comuns, com apenas 1 ocorrência cada.

Tabela 4. Motivos de entrada no HV/UFPR (06/10/25 a 14/11/25).

Motivos de entrada no setor	Nº Animais	%
Check-up	5	16,13
Apatia	5	16,13
Anorexia	3	9,68
Trauma	2	6,45
Dermatite fúngica	2	6,45
Hipercrecimento dentário	2	6,45
Paraplegia	1	3,23
Protrusão palpebral	1	3,23
Cianose	1	3,23
Ovo retido	1	3,23
Desconforto respiratório	1	3,23
Ácaro	1	3,23
Secreção nasal e de boca	1	3,23
Segregado	1	3,23
Massa no pescoço	1	3,23

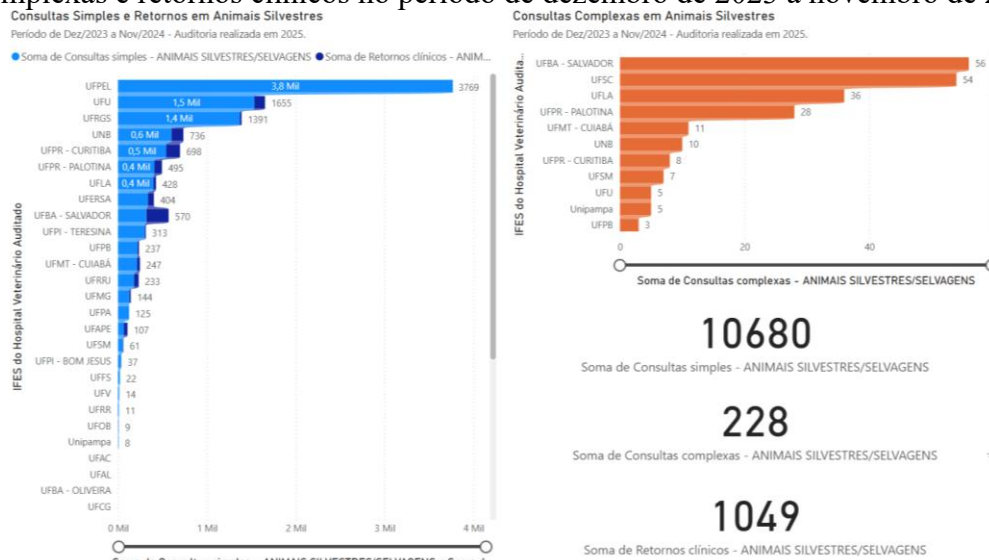
Lacrimejamento excessivo	1	3,23
Poliúria/Diarreia/Prostração	1	3,23
Córnea opaca	1	3,23
Total	31	100

Fonte: Autor (2025)

Saber o histórico do animal, até mesmo para consultas de check-up é crucial durante o exame clínico, pois traz à tona informações relevantes sobre o passado do animal que são significantes na decisão da conduta clínica de cada caso. Diante disso, ao comparar os dois locais, o HV/UFPR demonstrou maior precisão na coleta de dados e na identificação de queixas específicas, o que é justificável pela presença de um responsável observando o animal. Portanto, a avaliação de animais de vida livre deve ser conduzida integralmente, sem negligenciar nenhum detalhe, visto que o exame clínico associado aos exames complementares é a única fonte de informações do seu quadro de saúde.

As duas tabelas refletem as particularidades de cada local, resultantes principalmente da logística de recebimento dos animais atendidos. Em uma perspectiva nacional, utilizando o Fórum Nacional de Dirigentes de Hospitais Veterinários das Instituições Federais de Ensino Superior (FORDHOV) como referência, observa-se uma casuística expressiva de consultas realizadas pelas IFES (Figura 25). Embora o sistema não especifique os motivos de entrada, foram contabilizados 10.680 consultas simples e 228 consultas complexas em animais silvestres/selvagens no período analisado. Diante desse contexto, o LAPAS/UFU se destaca, ocupando o segundo lugar no ranking nacional de atendimentos simples, enquanto o HV/UFPR encontra-se em quinto lugar, registrando aproximadamente 1.500 e 500 consultas simples entre dezembro de 2023 e novembro de 2024, respectivamente.

Figura 25. Ranking nacional do FORDHOV das consultas simples e complexas de animais silvestres/selvagens atendidos nos HVU’s dos IFES com o número total de consultas simples, complexas e retornos clínicos no período de dezembro de 2023 a novembro de 2024.



Fonte: FORDHOV (2025)

4.3 ORIGEM DA ENTRADA DOS ANIMAIS

A entrega voluntária (52,44%) constitui a maior origem de entrada dos animais no LAPAS, seguida pela Polícia Militar do Meio Ambiente (28,05%), Corpo de Bombeiros (10,98%) e Tutores (8,54%) (Tabela 5). Esse fato se dá, pois, a UFU constitui o único local de recebimento de animais silvestres na região de Uberlândia. Dessa forma, mesmo nos casos em que a PMMA ou os Bombeiros são acionados, o destino é o mesmo. Vale ressaltar a disparidade entre a quantidade de animais de vida livre e animais de tutores atendidos no local.

Tabela 5. Origens de entrada dos animais no LAPAS (01/08/25 a 30/09/25).

Origem	Nº Animais	%
Entrega voluntária	43	52,44
Polícia Militar do Meio Ambiente	23	28,05
Corpo de Bombeiros	9	10,98
Tutor	7	8,54
Total	82	100

Fonte: Autor (2025)

As origens de entrada no HV/UFPR estão representadas na Tabela 6, com destaque para os animais provenientes de tutores (71,43%), seguidos pelos animais do Zoológico de Curitiba (17,86%), LACRIAS (7,14%) e IAT (3,57%). Essas informações refletem a logística do local, que necessita de um responsável pelo animal atendido. A busca de órgãos e instituições de manejo de fauna silvestre pelo HV/UFPR para atendimentos mais complexos, demonstra que o local é tratado como referência na região, dispondo de infraestrutura e atendimento especializado.

Tabela 6. Origens de entrada dos animais no HV/UFPR (06/10/25 a 14/11/25).

Origem	Nº Animais	%
Tutor	20	71,43
Zoológico	5	17,86
LACRIAS	2	7,14
IAT	1	3,57
Total	27	100

Fonte: Autor (2025)

Ambos os locais demonstram sua importância regional, seja o LAPAS oferecendo atendimento principalmente aos animais que não possuem custódia e necessitam de cuidados veterinários, quanto o HV/UFPR que oferta serviços especializados para os animais que estão sob a responsabilidade humana.

4.4 CLASSIFICAÇÃO DO DIAGNÓSTICO DE ACORDO COM A ESPÉCIE E CLASSE

Dos animais atendidos no LAPAS, a Tabela 7 apresenta todos os diagnósticos determinados durante o período de estágio. Entre as aves atendidas (com destaque para a ordem Psittaciforme), a maritaca (*Psittacara leucophthalmus*), foi a principal representante. Outras espécies prevalentes foram a jandaia-coquinho (*Eupsittula aurea*), o urubu-de-cabeça-preta (*Coragyps atratus*), a asa-branca (*Patagioenas picazuro*), a rolinha-roxa (*Columbina talpacoti*), o periquito-de-encontro-amarelo (*Brotogeris chiriri*) e o mutum-de-penacho (*Crax fasciolata*). Dessa forma, as principais ocorrências na classe das aves estão relacionadas ao trauma, decorrente dos impactos antrópicos diretos e indiretos. Em relação aos répteis, o jabuti-piranga

(*Chelonoidis carbonaria*) foi a espécie mais frequente, com distúrbios respiratórios como principal achado clínico. Para os mamíferos, o twistter (*Rattus norvegicus*) foi o animal mais prevalente, caracterizando os roedores como a principal ordem atendida. O único peixe atendido no setor foi encaminhado com o histórico de crescimento progressivo de massa em face. Alguns dos animais possuíam apenas a caracterização de sinais clínicos aparentes como diagnóstico. Nesses casos, a causa base do quadro clínico não foi definida, indicando que os animais não estavam hígidos, mas que foi realizado o tratamento sintomático.

Tabela 7. Diagnósticos dos casos atendidos no LAPAS de acordo com a espécie e classe (01/08/25 a 30/09/25).

Classe	Espécie	Diagnóstico
	Maritaca (<i>Psittacara leucophthalmus</i>)	Hígido
	Maritaca (<i>Psittacara leucophthalmus</i>)	Hígido
	Maritaca (<i>Psittacara leucophthalmus</i>)	Hígido
	Maritaca (<i>Psittacara leucophthalmus</i>)	Hígido
	Maritaca (<i>Psittacara leucophthalmus</i>)	Desidratado
	Maritaca (<i>Psittacara leucophthalmus</i>)	Fratura exposta de úmero
	Jandaia-coquinho (<i>Eupsittula aurea</i>)	Filhote hígido
	Jandaia-coquinho (<i>Eupsittula aurea</i>)	Trauma cranioencefálico / Desidratado
	Jandaia-coquinho (<i>Eupsittula aurea</i>)	Trauma cranioencefálico
	Jandaia-coquinho (<i>Eupsittula aurea</i>)	Hígido
	Urubu-de-cabeça-preta (<i>Coragyps atratus</i>)	Hígido
	Urubu-de-cabeça-preta (<i>Coragyps atratus</i>)	Hígido
	Urubu-de-cabeça-preta (<i>Coragyps atratus</i>)	Eletrocutado
	Urubu-de-cabeça-preta (<i>Coragyps atratus</i>)	Hígido
	Asa-branca (<i>Patagioenas picazuro</i>)	Mordedura com exposição de cavidade celomática
	Asa-branca (<i>Patagioenas picazuro</i>)	Lacerações por arranhadura / Mordedura
	Asa-branca (<i>Patagioenas picazuro</i>)	Cáseo articular em topografia de carpo direito
	Asa-branca (<i>Patagioenas picazuro</i>)	Trauma cranioencefálico / Desidratado
Aves	Rolinha-roxa (<i>Columbina talpacoti</i>)	Trauma cranioencefálico / Paresia de membros pélvicos
	Rolinha-roxa (<i>Columbina talpacoti</i>)	Hígido
	Rolinha-roxa (<i>Columbina talpacoti</i>)	Hígido
	Rolinha-roxa (<i>Columbina talpacoti</i>)	Lacerações na articulação do carpo
	Periquito-de-encontro-amarelo (<i>Brotogeris chiriri</i>)	Exposição de calota craniana e cavidade celomática em topografia de papo
	Periquito-de-encontro-amarelo (<i>Brotogeris chiriri</i>)	Fratura consolidada em topografia de carpo direito
	Periquito-de-encontro-amarelo (<i>Brotogeris chiriri</i>)	Acidente com piche
	Mutum-de-penacho (<i>Crax fasciolata</i>)	Hígido
	Mutum-de-penacho (<i>Crax fasciolata</i>)	Hígido
	Mutum-de-penacho (<i>Crax fasciolata</i>)	Trauma cranioencefálico
	Pica-pau-verde-barrado (<i>Colaptes melanochloros</i>)	Trauma
	Pica-pau-verde-barrado (<i>Colaptes melanochloros</i>)	Hígido
	Tucano-toco (<i>Ramphastos toco</i>)	Fratura em rinoteca / Apático
Tucano-toco (<i>Ramphastos toco</i>)	Opacidade corneal / Intoxicação	
Arara-canindé (<i>Ara ararauna</i>)	Laceração em topografia de dígito da asa esquerda com edemaciação	
Arara-canindé (<i>Ara ararauna</i>)	Laceração em topografia de dígito da asa esquerda com edemaciação	

	Bacurau (<i>Nyctidromus albicollis</i>)	Hígido
	Bacurau (<i>Nyctidromus albicollis</i>)	Úlcera ocular
	Coruja-buraqueira (<i>Athene cunicularia</i>)	Trauma cranioencefálico / Fratura exposta de úmero direito
	Corujão-orelhudo (<i>Bubo virginianus</i>)	Trauma cranioencefálico
	Papagaio-verdadeiro (<i>Amazona aestiva</i>)	Hígido
	Sanhaço (<i>Trhaupis episcopus</i>)	Trauma cranioencefálico
	Andorinha-pequena-de-casa (<i>Pygochelidon cyanoleuca</i>)	Hígido
	Maracanã (<i>Diopsittaca nobilis</i>)	Hígido com asa esquerda cortada
	Carcará (<i>Caracara plancus</i>)	Possível luxação de carpo
	Seriema (<i>Cariama cristata</i>)	Trauma cranioencefálico / desidratado
	Calopsita (<i>Nymphicus hollandicus</i>)	Injúria renal aguda
	Suindara (<i>Tyto furcata</i>)	Filhote / Infestação por piolho
	Pardal-doméstico (<i>Passer domesticus</i>)	Filhote hígido
	Sabiá-laranjeira (<i>Turdus rufiventris</i>)	Hígido
	Bem-te-vi (<i>Pitangus sulphuratus</i>)	Fratura em tibiotarso esquerdo
	Quiriquiri (<i>Falco sparverius</i>)	Hígido
Répteis	Jabuti-piranga (<i>Chelonoidis carbonaria</i>)	Síbio respiratório
	Jabuti-piranga (<i>Chelonoidis carbonaria</i>)	Síbio respiratório / esforço inspiratório
	Jabuti-piranga (<i>Chelonoidis carbonaria</i>)	Síbio respiratório
	Jabuti-piranga (<i>Chelonoidis carbonaria</i>)	Deformidade de casco
	Jabuti-piranga (<i>Chelonoidis carbonaria</i>)	Ruído respiratório / secreção nasal
	Jabuti-piranga (<i>Chelonoidis carbonaria</i>)	Ruído respiratório
	Jabuti-piranga (<i>Chelonoidis carbonaria</i>)	Ruído respiratório
	Jabuti-piranga (<i>Chelonoidis carbonaria</i>)	Ruído respiratório
	Jabuti-piranga (<i>Chelonoidis carbonaria</i>)	Ruído respiratório
	Jabuti-piranga (<i>Chelonoidis carbonaria</i>)	Hígido
	Jabuti-piranga (<i>Chelonoidis carbonaria</i>)	Hígido
	Jabuti-piranga (<i>Chelonoidis carbonaria</i>)	Hígido
	Jabuti-piranga (<i>Chelonoidis carbonaria</i>)	Hígido
	Jabuti-piranga (<i>Chelonoidis carbonaria</i>)	Hígido
	Jabuti-piranga (<i>Chelonoidis carbonaria</i>)	Hígido
	Tigre-d'água (<i>Trachemys spp.</i>)	Possível dermatofitose
	Tigre-d'água (<i>Trachemys spp.</i>)	Possível dermatofitose
	Tigre-d'água (<i>Trachemys spp.</i>)	Possível dermatofitose
	Teiú-comum (<i>Salvator merinae</i>)	Hígido
	Teiú-comum (<i>Salvator merinae</i>)	Apático / Estomatite
Mamíferos	Twister (<i>Rattus norvegicus</i>)	Nódulo
	Twister (<i>Rattus norvegicus</i>)	Micoplasmose / Tumor de mama em subcutâneo
	Twister (<i>Rattus norvegicus</i>)	Cravo inflamado
	Twister (<i>Rattus norvegicus</i>)	Emagrecimento progressivo / Paresia de membros pélvicos / Idoso
	Lebre-europeia (<i>Lepus europaeus</i>)	Paresia de membros pélvicos
	Ouriço-cacheiro (<i>Coendou prehensilis</i>)	Ferida traumática em osso frontal / Lesão cicatrizada em narina direita / Arritmia
	Capivara (<i>Hydrochoerus hydrochaeris</i>)	Infestação por carrapato / Diarreia / Trauma cranioencefálico / Hipoglicemia
	Porquinho-da-índia (<i>Cavia porcellus</i>)	Hipoglicemia / Abdominalgia / Possível neoplasia
	Gambá-de-orelha-preta (<i>Didelphis albiventris</i>)	Filhote hígido
	Tamanduá-mirim (<i>Tamandua tetradactyla</i>)	Filhote / Hipotérmico / Hipoglicemia
Peixe	Veado-catingueiro (<i>Subulo gouazoubira</i>)	Miopatia de captura
	Carpa (<i>Cyprinus carpio</i>)	Neoplasia em face

Fonte: Autor (2025)

A Tabela 8 apresenta os animais atendidos no HV/UFPR, com destaque para os mamíferos, especialmente o coelho-doméstico (*Oryctolagus cuniculus domesticus*). Das espécies mais recorrentes do hospital, podemos destacar a calopsita (*Nymphicus hollandicus*), o twistter (*Rattus norvegicus*) e o macaco-prego-preto (*Sapajus nigritus*). Um dos animais apresentou diagnóstico indefinido pois não foi possível estabelecer uma conclusão definitiva. Os animais com quadros semelhantes eram decorrentes do LACRIAS e foram submetidos a diversos testes, mas não houve um resultado/diagnóstico preciso, sendo realizado apenas o tratamento de suporte.

Tabela 8. Diagnósticos dos casos atendidos no HV/UFPR de acordo com a espécie e classe (06/10/25 a 14/11/25).

Classe	Espécie	Diagnóstico
Aves	Calopsita (<i>Nymphicus hollandicus</i>)	Trauma cranioencefálico
	Calopsita (<i>Nymphicus hollandicus</i>)	Hepatopatia crônica
	Calopsita (<i>Nymphicus hollandicus</i>)	Distocia
	Calopsita (<i>Nymphicus hollandicus</i>)	Indefinido
	Agapornis (<i>Agapornis personatus</i>)	Hígido
	Agapornis (<i>Agapornis personatus</i>)	Hígido
	Papagaio-verdadeiro (<i>Amazona aestiva</i>)	Hígido
	Papagaio-verdadeiro (<i>Amazona aestiva</i>)	Úlcera de córnea
	Papagaio-da-cara-roxa (<i>Amazona brasiliensis</i>)	Hígido
	Ring neck (<i>Psittacula krameri</i>)	Apático
Répteis	Tigre-d'água (<i>Trachemys spp.</i>)	Hígido
	Tigre-d'água (<i>Trachemys spp.</i>)	Hígido
Mamíferos	Coelho-doméstico (<i>Oryctolagus cuniculus domesticus</i>)	Fratura em membro pélvico
	Coelho-doméstico (<i>Oryctolagus cuniculus domesticus</i>)	Sepse / Nódulos
	Coelho-doméstico (<i>Oryctolagus cuniculus domesticus</i>)	Fratura de incisivo / Miíase / Sepses
	Coelho-doméstico (<i>Oryctolagus cuniculus domesticus</i>)	Hipercrescimento dentário
	Coelho-doméstico (<i>Oryctolagus cuniculus domesticus</i>)	Hipercrescimento dentário
	Coelho-doméstico (<i>Oryctolagus cuniculus domesticus</i>)	Obstrução parcial do ducto lacrimal
	Twistter (<i>Rattus norvegicus</i>)	Paraplegia
	Twistter (<i>Rattus norvegicus</i>)	Micoplasma / Infestação por pulga
	Twistter (<i>Rattus norvegicus</i>)	Prurido generalizado
	Macaco-prego-preto (<i>Sapajus nigritus</i>)	Parasitose
	Macaco-prego-preto (<i>Sapajus nigritus</i>)	Dermatite fúngica
	Macaco-prego-preto (<i>Sapajus nigritus</i>)	Dermatite fúngica
	Porquinho-da-índia (<i>Cavia porcellus</i>)	Hipercrescimento dentário / Abscesso dentário / Neoplasia
	Porquinho-da-índia (<i>Cavia porcellus</i>)	Adenossarcoma
	Macaco-prego-das-guianas (<i>Sapajus apella</i>)	Sepses / Possível Febre Amarela

Fonte: Autor (2025)

Ao analisar e comparar as duas tabelas, é possível notar uma diferença fundamental na natureza da morbidade em cada local. No LAPAS (Tabela 7) os diagnósticos estão concentrados

em condições traumáticas agudas e doenças sistêmicas inespecíficas. Em contraste, o HV/UFPR (Tabela 8), apresentou diagnósticos, em sua maioria, decorrentes de doenças crônicas e específicas, metabólicas/nutricionais e condições degenerativas.

Ao comparar a Tabela 7 com um estudo realizado por Cunha *et al.* (2022) no HVet-UnB (Hospital Veterinário da Universidade de Brasília) e no CETAS-DF (Centro de Triagem de Animais Silvestres do Distrito Federal), as principais condições que afetaram os animais foram: cuidados parentais, injúrias ortopédicas, lesão tegumentar, apatia e trauma do sistema nervoso central. Esses achados coincidem com os principais diagnósticos determinados no LAPAS que são decorrentes de traumas. Exceto pelos cuidados parentais, que não foram prevalentes no local.

Vale ressaltar sobre a Tabela 8 que a maioria dos casos foram de alterações da cavidade oral, principalmente derivados de manejo incorreto dos animais. Devendo o Médico Veterinário instruir o tutor sobre as correções necessárias de manejo para evitar possíveis problemas futuros.

As Tabelas 7 e 8, em conjunto, apresentam a diversidade ampla de espécies que o Médico Veterinário de Animais Silvestres e Exóticos se depara na rotina clínica, além dos mais diversos desafios para compreender a fisiologia de cada espécie e cada doença específica de cada animal.

4.5 SEXO DOS ANIMAIS

Muitos animais não possuem órgãos sexuais externos ao corpo, o que dificulta a determinação do sexo. Em função disso, alguns animais apresentam dimorfismo sexual, sendo possível diferenciá-los a partir das suas características fenotípicas. Um exemplo deste fato é o mutum-de-penacho (*Crax fasciolata*) com diferenças na plumagem, em que a fêmea possui listras brancas no corpo e bico preto, enquanto o macho possui o corpo preto e bico amarelo (Castaldini, 2022). Dessa forma, nem todos os animais apresentam características distinguíveis. Dessa forma, a Tabela 9 apresenta o sexo dos animais atendidos no LAPAS, com a maior prevalência de animais cujo sexo não pôde ser determinado.

Tabela 9. Sexo dos animais atendidos no LAPAS (01/08/25 a 30/09/25).

Sexo	Nº Animais	%
Não identificado	65	79,27
Fêmea	11	13,41

Macho	6	7,32
Total	82	100

Fonte: Autor (2025)

Considerando que os animais no HV/UFPR possuem um detalhamento específico do seu histórico clínico, a Tabela 10 apresenta o sexo dos animais atendidos, prevalecendo as fêmeas, seguidas dos machos e do animal cujo sexo não foi identificado por falta de histórico.

Tabela 10. Sexo dos animais atendidos no HV/UFPR (06/10/25 a 14/11/25).

Sexo	Nº Animais	%
Não identificado	1	3,70%
Fêmea	15	55,56%
Macho	11	40,74%
Total	27	100%

Fonte: Autor (2025)

A partir das tabelas, é notável a importância das informações fornecidas pelo tutor. Este dado é crucial para a identificação de possíveis comportamentos reprodutivos e alterações fisiológicas. Assim, o baixo percentual de animais com o sexo não identificado no HV/UFPR reflete a precisão do histórico fornecido. Já o alto percentual de animais com o sexo não identificado no LAPAS é uma consequência direta do recebimento da fauna de vida livre sem histórico, evidenciando a dificuldade de diferenciação em espécies sem dimorfismo sexual.

4.6 PROCEDIMENTOS CIRÚRGICOS

A Tabela 11 organiza todos os procedimentos cirúrgicos que foram realizados no LAPAS no período entre agosto e setembro de 2025, evidenciando que a correção de fraturas foi o procedimento mais frequente. Vale destacar o uso da Técnica de Figueiredo, um procedimento recente para a Medicina Humana (criada pelo médico brasileiro Leandro Azevedo de Figueiredo), que consiste no uso de uma prótese de polipropileno suturada nos bordos de uma lesão traumática. Esta técnica promove uma inflamação local exacerbada com exsudação local rica em células de defesa e de cicatrização (Maia *et al.*, 2023). O caso de cirurgia não sucedida deve-se à necessidade de reanimação do paciente duas vezes no momento pré-cirúrgico, o que influenciou na desistência devido ao risco anestésico associado.

Tabela 11. Procedimentos cirúrgicos realizados no LAPAS (01/08/25 a 30/09/25).

Espécie	Procedimento
Arara-canindé (<i>Ara ararauna</i>)	Osteossíntese de asa com pino cortical
Asa-branca (<i>Patagioenas picazuro</i>)	Remoção de cáseo
Coelho-doméstico (<i>Oryctolagus cuniculus domesticus</i>)	Orquiectomia eletiva
Coruja-buraqueira (<i>Athene cunicularia</i>)	Osteossíntese
Corujão-orelhudo (<i>Bubo virginianus</i>)	Submetido à cirurgia - não sucedida
Jabuti-piranga (<i>Chelonidis carbonaria</i>)	Osteossíntese de mandíbula / Reconstrução de casco
Maritaca (<i>Psittacara leucophthalmus</i>)	Osteossíntese
Ouriço-cacheiro (<i>Coendou prehensilis</i>)	Técnica de figueiredo
Papagaio-verdadeiro (<i>Amazona aestiva</i>)	Amputação de ábula direita
Papagaio-verdadeiro (<i>Amazona aestiva</i>)	Osteossíntese
Tamanduá-bandeira (<i>Myrmecophaga tridactyla</i>)	Colotomia / Colonoscopia
Twister (<i>Rattus novergicus</i>)	Nodulectomia
Urubu-de-cabeça-preta (<i>Coragyps atratus</i>)	Osteossíntese
Urubu-de-cabeça-preta (<i>Coragyps atratus</i>)	Osteossíntese
Veado-catingueiro (<i>Subulo gouazoubira</i>)	Artrodese

Fonte: Autor (2025)

Figura 26. Técnica de Figueiredo em ouriço-cacheiro (*Coendou prehensilis*).

Fonte: Autor (2025)

O HV/UFPR realizou, em sua maioria, procedimentos eletivos (Tabela 12). Contudo, houve intervenções cirúrgicas que necessitaram de encaminhamento rápido por afetarem a qualidade de vida dos animais, como em alguns casos de desgaste dentário e um caso de ovariectomia em uma coelha. Neste último caso, o animal apresentou aumento de volume abdominal significativo com suspeita de alteração uterina, confirmando-se hidrometra no momento da cirurgia.

Tabela 12. Procedimentos cirúrgicos realizados no HV/UFPR (06/10/25 a 14/11/25).

Espécie	Procedimento
Coelho-doméstico (<i>Oryctolagus cuniculus domesticus</i>)	Orquiectomia
Coelho-doméstico (<i>Oryctolagus cuniculus domesticus</i>)	Orquiectomia

A Técnica de Figueiredo foi descrita recentemente, apresentando resultados promissores na Medicina Humana. Assim, a sua utilização na Medicina Veterinária é recente, também, de forma que a literatura ainda é escassa. Corazza (2025) relatou um caso do uso da técnica em um cão com resultados promissores, sendo uma alternativa eficiente para o tratamento de feridas. O uso da técnica no setor em um ouriço-cacheiro (*Coendou prehensilis*) (Figura 26) representa o grau de atualização das residentes sobre novas alternativas de tratamento. Entretanto, a evolução da lesão foi desfavorável, levando à eutanásia do animal, reforçando a necessidade de mais estudos sobre seu uso na Medicina Veterinária e, principalmente em espécies silvestres.

4.7 DESTINAÇÃO DOS ANIMAIS

Os dados inseridos nas Tabelas 14 e 15 incluem a destinação dos casos cirúrgicos também. É importante notar a divergência de dados em relação a quantidade de animais atendidos, pois alguns casos cirúrgicos também foram descritos nos atendimentos, não sendo contabilizados novamente. A categoria de animais internados não considera a resolução dos casos pós-período de estágio.

A Tabela 14 evidencia as resoluções dos casos ocorridos no LAPAS, havendo um alto índice de animais internados (40,63%), seguido pela alta médica (26,04%), óbito (23,96%) e eutanásia (9,38%). A categoria de internação inclui animais hígidos que necessitavam de abrigo até o seu destino definitivo. Os casos de alta médica abrangem solturas, destinações para o CETRAS (Centro de Triagem e Reabilitação de Animais Silvestres) (focando reabilitar os animais e reintroduzi-los na natureza) e para o Glória (outro campus da universidade com viveiros capazes de abrigar animais hígidos que não necessitam de cuidados médicos até receber outra destinação).

Tabela 13. Destinação dos casos atendidos no LAPAS (01/08/25 a 30/09/25).

Destino	Nº Animais	%
Internação	39	40,63
Alta médica	25	26,04
Óbito	23	23,96
Eutanásia	9	9,38
Total	96	100

Fonte: Autor (2025)

Os casos atendidos no HV/UFPR (Tabela 15) demonstraram, em sua maioria, desfechos favoráveis, com alta médica (70,27%) dos animais atendidos. O encaminhamento para colega ocorreu devido a um problema em um dos equipamentos odontológicos, o que exigiu a realização do procedimento de desgaste dentário em outro local.

Tabela 14. Destinação dos casos atendidos no HV/UFPR (06/10/25 a 14/11/25).

Destino	Nº Animais	%
Alta médica	26	70,27
Óbito	4	10,81
Internação	3	8,11
Eutanásia	3	8,11
Encaminhado para colega	1	2,70
Total	37	100

Fonte: Autor (2025)

A alta ocorrência de óbitos e eutanásia demonstrada na Tabela 14 reforça o árduo trabalho do Médico Veterinário que atua com conservação para a preservação das espécies, visto que os animais recebidos no setor chegavam, normalmente, com prognóstico reservado ou desfavorável, exigindo esforços máximos para a recuperação e preservação das espécies. Diferentemente desses desfechos, o HV/UFPR demonstrou, em sua prevalência, a alta médica. Esse fato se dá devido à natureza da origem dos animais. Assim, estar sob tutela humana auxilia na condição de saúde do animal. Este cenário estabelece um paradoxo, pois os desfechos desfavoráveis em animais de vida livre são decorrentes dos impactos antrópicos (diretos e indiretos), enquanto o animal domiciliado está, em tese, “protegido” pelo tutor. Essa diferença de morbidade ressalta que o animal que vive na natureza permanece em perigo constante devido à interação humana.

5 CONCLUSÃO

A vivência nos dois centros de referência em Medicina de Animais Silvestres permitiu compreender, na prática, a amplitude e a complexidade dessa área. No LAPAS, a rotina com animais vítimas de colisões, atropelamentos, eletrocussões, maus-tratos e outros impactos antrópicos evidenciou a vulnerabilidade da fauna e reforçou a necessidade de ações efetivas de conservação, manejo responsável e conscientização da população. Já no HV/UFPR, a rotina com tutores e casos clínicos de diversos níveis de complexidade destacou o papel do médico veterinário na reabilitação, na qualidade de vida e no cuidado especializado de animais mantidos sob responsabilidade humana.

As atividades desenvolvidas foram cruciais para a consolidação de conhecimentos teóricos e para o entendimento da enorme diversidade biológica, fisiológica e comportamental das espécies atendidas. Assim, o estágio se configura como um marco significativo na formação do médico veterinário, reafirmando sua responsabilidade ética, técnica e sensível diante da conservação e do bem-estar animal.

REFERÊNCIAS

Cães&Gatos. Interesse por pets não convencionais supera busca por cachorros no Brasil. **Cães&Gatos**. 2025. Disponível em: <https://caesegatos.com.br/interesse-por-pets-nao-convencionais-no-brasil/>. Acesso em: 10 nov. 2025.

CASTALDINI, B. Ferreira. **Efeito de cães-domésticos (*Canis familiaris*) no padrão de atividade do mutum-de-penacho (*Crax fasciolata*) e do jacu (*Penelope superciliaris*)**. Orientadora: Profa. Dra. Rita de Cassia Bianchi. 2022. 30 p. Trabalho de Conclusão de Curso – Bacharel em Ciências Biológicas, Universidade Estadual Paulista, Jaboticabal, 2022.

CORAZZA, Izabela Rodrigues. Aplicação da técnica de figueiredo como alternativa para cirurgias reconstrutivas na medicina veterinária – Relato de caso. **Revistaft**. 2025. Disponível em: <https://revistaft.com.br/aplicacao-da-tecnica-de-figueiredo-como-alternativa-para-cirurgias-reconstrutivas-na-medicina-veterinaria-relato-de-caso/>. Acesso em: 20 nov. 2025.

CRMV-MA. Como a medicina veterinária e a zootecnia atuam na defesa da fauna. **CRMV-MA**. 2025. Disponível em: <https://www.crmvma.org.br/como-a-medicina-veterinaria-e-a-zootecnia-atuam-na-defesa-da-fauna/>. Acesso em: 10 nov. 2025.

CRMV-SP. Medicina Veterinária de Animais Selvagens é reconhecida como especialidade. **CRMV-SP**. 2022. Disponível em: <https://crmvsp.gov.br/medicina-veterinaria-de-animais-selvagens-e-reconhecida-como-especialidade/>. Acesso em: 10 nov. 2025.

CUNHA, G. Bortolotto *et al.* Wild fauna received by the Wild Animal Screening Centre and referred to the Veterinary Hospital of the University of Brasília. **Ciência Animal Brasileira**. 2022.

FORDHOV. Relatório de atendimentos dos HVUs das IFES – 2024. **ANDIFES**. 2025. Disponível em:

<https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiYWlyODQ5M2UtYzRlOC00ZWJkLTk1OTItOTg0MTQzYzZmZmJYzIiwidCI6ImMzN2IzN2EzLWU5ZTIhNDJmOS1iYzY3LTRiOWI3MzhIMWRmMCJ9&embedImagePlaceholder=true>. Acesso em: 04 dez. 2025.

GARDA, A. Antonio *et al.* Os animais vertebrados do Bioma Caatinga. **Ciência e Cultura**. São Paulo, 2018. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252018000400010. Acesso em: 20 nov. 2025.

GRESPLAN, André; RASO, Tânia de Freitas. Psittaciformes (Araras, Papagaios, Periquitos, Calopsitas e Cacatuas). *In*: CUBAS, Zalmir S.; SILVA, Jean C. R.; CATÃO-DIAS, José L. **Tratado de Animais Selvagens: Medicina Veterinária**. 2. ed. São Paulo: Roca, 2014. p. 1172-1258.

IGOR. Laboratório de Ensino e Pesquisa em Animais Silvestres. **Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia – UFU**. 2025. Disponível em: <https://fmvz.ufu.br/unidades/laboratorio/laboratorio-de-ensino-e-pesquisa-em-animais-silvestres>. Acesso em 13 nov. 2025.

MAIA, B. Mesquita *et al.* Aplicação da técnica de figueiredo no cuidado ambulatorial de ferida traumática em um hospital de referência em trauma na região norte: Relato de caso. **Revista Multidisciplinar em Saúde**. 2023.

MEIRELES, Taís. Nosso país está em 1º lugar no ranking mundial de diversidade. **WWF**. Disponível em: <https://www.wwf.org.br/?77530/Conheca-um-animal-de-cada-bioma-brasileiro>. Acesso em 10 nov. 2025.

PINTO, R. Arapiraca. **Importância do ambulatório de animais silvestres e exóticos na escola de medicina veterinária e zootecnia da UFBA**. Orientador: Prof. MSc. Paulo César Costa Maia. 2014. 50 p. Trabalho de Conclusão de Curso – Bacharel em Medicina Veterinária, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

UFPR. Hospital Veterinário. **UFPR**. Disponível em: <https://agrarias.ufpr.br/hv/>. Acesso em: 13 nov. 2025.

UFU. Hospital Veterinário. **UFU**. 2025. Disponível em: <http://www.hospitalveterinario.ufu.br/>. Acesso em: 13 nov. 2025.